

PORTUGUÊS

Lima Barreto

José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

Luís de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS



POEMAS IRÔNICOS, VENENOSOS E SARCÁSTICOS

Álvares de Azevedo

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **vbooks03@terra.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.terra.com.br/virtualbooks

Copyright© 2000/2002 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

POEMAS IRÔNICOS, VENENOSOS E SARCÁSTICOS

Álvares de Azevedo

PREFÁCIO

Cuidado, leitor, ao voltar esta página!

Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de *D. Quixote*, onde *Sancho* é rei, e vivem *Panúrgio*, *Sir John Falstaff*, *Bardolph*, *Fígaro* e o *Sganarello* de *D. João Tenório*: — a pátria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare.

Quase que depois de *Ariel* esbarramos em *Caliban*.

A razão é simples. É que a unidade deste livro se funda n'uma binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdoem-me os poetas do tempo, isto aqui é um tema, senão mais novo, menos esgotado ao menos que o sentimentalismo tão *fashionable* desde *Werther* e *René*.

Por um espírito de contradição, quando os homens se vêem inundados de páginas amorosas, preferem um conto de Boccaccio, uma caricatura de Rabelais, uma cena de Falstaff no *Henrique IV* de Shakespeare, um provérbio fantástico daquele *polisson* Alfredo de Musset, a todas as ternuras elegíacas dessa poesia de arremedo que anda na moda, e reduz as moedas de ouro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisível até ao extremo, dos liliputianos poetastros. — Antes da Quaresma há o Carnaval.

Há uma crise nos séculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo, e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de ouro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. *Homo sum*, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de

noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem artérias — isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.

O que acontece? Na exaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda trêmula e ressoante da febre do sangue, a alma que ama e canta porque sua vida é amor e canto, o que pode senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno pode ser erótico sem ser monótono. Digam e creiam o que quiserem. Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade formosa da bela mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos últimos crepúsculos do misticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia puríssima banha com seu reflexo ideal a beleza sensível e nua.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo objetivo cores tão azuladas como o nome britânico de *blue devils*, descarna e injeta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos lábios onde suspirava a monodia amorosa, vem a sátira que morde.

É assim. Depois dos poemas épicos, Homero escreveu o poema irônico. Goethe depois de *Werther* criou o *Fausto*. Depois de *Parisina* e o *Giaour*, de Byron, vem o *Cain* e *Don Juan* — *Don Juan* que começa como *Cain* pelo amor, e acaba como ele pela descrença venenosa e sarcástica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado agora, meu leitor, como se não lesse essas páginas, destinadas a não ser lidas. Deus me perdoe! assim é tudo! até os prefácios!

UM CADÁVER DE POETA

*Levem ao túmulo aquele que parece um cadáver!
Tu não pesaste sobre a terra: a terra te seja leve!*

L. Uhland

I

De tanta inspiração e tanta vida
Que os nervos convulsivos inflamava
E ardia sem conforto.. .
O que resta? uma sombra esvaecida,
Um triste que sem mãe agonizava...

Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura,
Frias na fronte as ilusões — no peito
Quebrado o coração!
Nem saudades levar da vida impura
Onde arquejou de fome... sem um leito!
Em treva e solidão!

Tu foste como o sol; tu parecias
Ter na aurora da vida a eternidade
Na larga fronte escrita. . .
Porém não voltarás como surgias!
Apagou-se teu sol da mocidade
N'uma treva maldita!

Tua estrela mentiu. E do fadário
De tua vida a página primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre gênio de Deus, nem um sudário!
Nem túmulo nem cruz! como a caveira
Que um lobo devorou!. . .

II

Morreu um trovador — morreu de fome.
Acharam-n'o deitado no caminho:
Tão doce era o semblante! Sobre os lábios
Flutuava-lhe um riso esperançoso.
E o morto parecia adormecido.

Ninguém ao peito recostou-lhe a fronte
Nas horas da agonia! Nem um beijo
Em boca de mulher! nem mão amiga
Fechou ao trovador os tristes olhos!
Ninguém chorou por ele... No seu peito
Não havia colar nem bolsa d'oiro;
Tinha até seu punhal um férreo punho...
Pobretão! não valia a sepultura!

Todos o viam e passavam todos.
Contudo era bem morto desde a aurora.
Ninguém lançou-lhe junto ao corpo imóvel
Um ceitil para a cova!... nem sudário!
O mundo tem razão, sisudo pensa,
E a turba tem um cérebro sublime!
De que vale um poeta — um pobre louco
Que leva os dias a sonhar — insano

Amante de utopias e virtudes
E, n'um tempo sem Deus, ainda crente?

A poesia é de certo uma loucura;
Sêneca o disse, um homem de renome.
É um defeito no cérebro... Que doudos!
É um grande favor, é muita esmola
Dizer-lhes *bravo!* à inspiração divina,
E, quando tremem de miséria e fome,
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...
Quando é gelada a fronte sonhadora,
Por que há de o vivo que despreza rimas
Cansar os braços arrastando um morto,
Ou pagar os salários do coveiro?
A bolsa esvaziar por um misérrimo,
Quando a emprega melhor em lodo e vício!
E que venham aí falar-me em Tasso!
Culpar Afonso d'Este — um soberano! —
Por não lhe dar a mão da irmã fidalga!
Um poeta é um poeta — apenas isso:
Procure para amar as poetisas!
Se na França a princesa Margarida,
De Francisco Primeiro irmã formosa,
Ao poeta Alain Chartier adormecido
Deu nos lábios um beijo, é que esta moça,
Apesar de princesa, era uma douda,
E a prova é que também rondós fazia.
Se Riccio o trovador obteve amores
— Novela até bastante duvidosa —
Dessa Maria Stuart formosíssima,
É que ela — sabe-o Deus! — fez tanta asneira,
Que não admira que a um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horácio.
Namorou algum dia uma parenta
Do patrono Mecenas? Parasita,
Só pedia dinheiro — no triclinio
Bebia vinho bom — e não vivia
Fazendo versos às irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido
Um olho na batalha e ser valente,
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,
Por fazer umas trovas de vadio,
Deveriam lhe dar, além de glória,
— E essa deram-lhe à farta — algum bispado,
Alguma dessas gordas sinecuras
Que se davam a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos.
 O mundo não avança por cantigas.
 Creiam do povilêu os trovadores
 Que um poema não val meia princesa.

Um poema contudo, bem escrito,
 Bem limado e bem cheio de tetéias,
 Nas horas do café lido fumando,
 Ou no campo, na sombra do arvoredor,
 Quando se quer dormir e não há sono,
 Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe dali do vate a mente.
 Tudo o mais são orgulhos, são loucuras!
Faublas tem mais leitores do que Homero. . .
 Um poeta no mundo tem apenas
 O valor de um canário de gaiola. . .
 É prazer de um momento, é mero luxo.
 Contentem-se em traçar nas folhas brancas
 De um *Álbum* da moda umas quadrinhas.
 Nem faça apelações para o futuro.
 O homem é sempre o homem. Tem juízo.
 Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem há negá-lo — não há doce lira
 Nem sangue de poeta ou alma virgem
 Que valha o talismã que no oiro vibra!
 Nem músicas nem santas harmonias
 Igualam o condão, esse eletrismo,
 A ardente vibração do som metálico...

.....
 Meu Deus! e assim fizeste a criatura?
 Amassaste no lodo o peito humano?
 Ó poetas, silêncio! é este o homem?
 A feitura de Deus! a imagem dele!
 O rei da criação!. . .

Que verme infame!
 Não Deus, porém Satã no peito vácuo
 Uma corda prendeu-te — o egoísmo!
 Oh! miséria, meu Deus! e que miséria!

III

Passou El-Rei ali com seus fidalgos.
 Iam a degolar uns insolentes
 Que ousaram murmurar da infâmia régia,

Das nódoas de uma vida libertina!
 Iam em grande gala. O Rei cismava
 Na glória de espetar no pelourinho
 A cabeça de um pobre degolado.
 Era um rei *bon-vivant*, e rei devoto:
 E, como Luís XI, ao lado tinha
 O bobo, o capelão... e seu carrasco.

O cavalo do Rei, sentindo o morto,
 Trêmulo de terror parou nitrindo.
 Deu d'esporas leviano o cavaleiro
 E disse ao capelão:

"E não enterram
 Esse homem que apodrece, e no caminho
 Assusta-me o corcel?"
 Depois voltou-se
 E disse ao camarista de semana:
 "Conheces o defunto? Era inda moço.
 Faria certamente um bom soldado.
 A figura é esbelta! Forte pena!
 Podia bem servir para um laçao."

Descoberto o faceiro fidalgo
 Responde-lhe fazendo a cortesia:
 "Pelas tripas do Papa! eu não me engano,
 Leve-me Satanás se este defunto
 Ontem não era o trovador Tancredo!"

"Tancredo"! murmurou erguendo os óculos
 Um anfíbio, um barbaças truanesco,
 Alma de Triboulet, que além de bobo
 Era o vate da corte — bem nutrido,
 Farto de sangue, mas de veia pobre,
 Caídos beijos, volumoso abdômen,
 Grisalha cabeleira esparramada,
 Tremendo narigão, mas testa curta;
 Em suma um glosador de sobremesas.

"Tancredo! — repetiu imaginando —
 Um asno! só cantava para o povo!
 Uma língua de fel, um insolente!
 Orgulho desmedido... e quanto aos versos
 Morava como um sapo n'água doce...
 Não sabia fazer um trocadilho. . ."

O rei passou — com ele a companhia.
 Só ficou ressupino e macilento

Da estrada em meio o trovador defunto.

IV

Ia caindo o sol. Bem reclinado
 No vagaroso coche madornando,
 Depois de bem jantar fazendo a sesta,
 Roncava um nédio, um barrigudo frade:
 Bochechas e nariz, em cima uns óculos,
 Vermelho solidéu... enfim um bispo,
 E um bispo, senhor Deus! da idade média,
 Em que os bispos — como hoje e mais ainda —
 Sob o peso da cruz bem rubicundos,
 Dormindo bem, e a regalar bebendo,
 Sabiam engordar na sinecura;
 Papudos santarrões, depois da Missa
 Lançando ao povo a bênção — por dinheiro!

O cocheiro ia bêbado por certo;
 Os cavalos tocou p'lo bom caminho
 Mesmo em cima das pernas do cadáver.
 Refugou a parelha, mas o sota
 — Que ao sol da glória episcopal enchia
 De orgulho e de insolência o couro inerte,
 Cuspindo o poviléu, como um fidalgo —
 Que em falta de miolo tinha vinho
 Na cabeça devassa, deu de esporas:
 Como passara sobre a vil carniça
 Reléu de corvos negros — foi por cima. . .
 Mas desgraça! maldito aquele morto!
 Desgraça!... não porque pisasse o coche
 Aqueles magros ossos, mas a roda
 Na humana resistência deu estalo. . .
 E acorda o fradalhão...

"O que sucede?
 — Pergunta bocejando: — É algum bêbado?
 Em que bicho pisaram?"

"Senhor bispo"
 Diz o servo da Igreja, o bom cocheiro
 Ao vigário de Cristo, ao santo Apóstolo
 Isto é — dessa fidalga raça nova
 Que não anda de pé como S. Pedro,
 Nem estafa os corcéis de S. Francisco:
 "Perdoe Vossa Excelência Eminentíssima;
 É um pobre-diabo de poeta,
 Um homem sem miolo e sem barriga

Que lembrou-se de vir morrer na estrada!"

"Abrenúncio! — rouqueja o Santo Bispo —
 Leve o Diabo essa tribo de boêmios!
 Não há tanto lugar onde se morra?
 Maldita gente! inda persegue os Santos
 Depois que o Diabo a leva! . . ."

E foi caminho.

Leve-te Deus! Apóstolo da crença,
 Da esperança e da santa caridade!
 Tu, sim, és religioso e nos altares
 Vem cada sacristão, e cada monge
 Agitar a teus pés o seu turíbulo!
 E o sangue do Senhor no cálix d'ouro
 Da turba na oração te banha os lábios...

Leve-te Deus, Apóstolo da crença!
 Sem padres como tu que fora o mundo?
 É por ti que o altar apóia o trono!
 E teu olhar que fertiliza os vales
 Fecunda a vinha santa do Messias!

Leve-te Deus... ou leve-te o Demônio!

V

Caiu a noite, do azulado manto,
 Como gotas de orvalho, sacudindo
 Estrelas cintilantes. — Veio a lua
 Banhando de tristeza o céu noturno:
 Derrama aos corações melancolia,
 Derrama no ar cheiroso molente
 Cerúlea chama, dia incerto e pálido
 Que ao lado da floresta ajunta as sombras
 E lança pelas águas da campina
 Alvacentos clarões que as flores bebem.
 A galope, de volta do noivado,
 Passa o Conde Solfier, e a noiva Elfrida.
 Seguem fidalgos que o sarau reclama.

Elfrida

— Não vês, Solfier, ali da estrada em meio
 Um defunto estendido? —

Solfier

— Ó minha Elfrida,
 Voltemos desse lado: outro caminho
 Se dirige ao castelo. É mau agouro
 Por um morto passar em noites destas. —

Mas Elfrida aproxima o seu cavalo.

Elfrida

— Tancredo!... vede! é o trovador Tancredo!
 Coitado! assim morrer! um pobre moço!
 Sem mãe e sem irmã! E não o enterram?
 Neste mundo não teve um só amigo? —

"Ninguém, senhora! — respondeu da sombra
 Uma dorida voz: — Eu vim, há pouco,
 Ao saber que do povo no abandono
 Jazia como um cão. Eu vim, e eu mesmo
 Cavei junto do lago a cova impura."

Elfrida

— Tendes um coração. Tomai, mancebo,
 Tomai essa pulseira... Em oiro e jóias
 Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento,
 E para longas missas lhe dizerem
 Pelo repouso d'alma... —

O moço riu-se.

O Desconhecido

— Obrigado. Guardai as vossas jóias.
 Tancredo o trovador morreu de fome;
 Passaram-lhe no corpo frio e morto,
 Salpicaram de lodo a face dele,
 Talvez cuspissem nesta fronte santa
 Cheia outrora de eternas fantasias,
 De idéias a valer um mundo inteiro!...
 Por que lançar esmolas ao cadáver?
 Leva-as, fidalga — tuas jóias belas!
 O orgulho do plebeu as vê sorrindo.
 Missas... bem sabe Deus se neste mundo
 Gemeu alma tão pura como a dele!
 Foi um anjo, e murchou-se como as flores,
 Morreu sorrindo como as virgens morrem!
 Alma doce que os homens enjeitaram,

Lírio que profanou a turba imunda,
 Oh! não te mancharei nem a lembrança
 Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo,
 És o templo deserto, onde habitava
 O Deus que em ti sofreu por um momento!
 Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços:
 Na cova negra dormirás tranqüilo. . .
 Tu repousas ao menos! . . .

.....
 No entanto sofrendo a custo a raiva,
 Mordendo os lábios de soberba e fúria,
 Solfier da bainha arranca a espada,
 Avança ao moço e brada-lhe:

"Insolente!
 Cala-te, doudo! Cala-te, mendigo!
 Não vês quem te falou? Curva o joelho,
 Tira o gorro, vilão!"

O Desconhecido

— Tu vês: não tremo.
 Tu não vales o vento que salpica
 Tua fronte de pó. Porque és fidalgo,
 Não sabes que um punhal vale uma espada
 Dentro do coração? —

Mas logo Elfrida:
 "Acalma-te, Solfier! O triste moço
 Desespera, blasfema e não me insulta.
 Perdoa-me também, mancebo triste;
 Não pensei ofender tamanho orgulho.
 Tua mágoa respeito. Só te imploro
 Que sobre a fronte ao trovador desfolhes
 Essas flores, as flores do noivado
 De uma triste mulher... E quanto às jóias,
 Lança-as no lago. . . Mas quem és? teu nome?"

O Desconhecido

— Quem sou? um doudo, uma alma de insensato,
 Que Deus maldisse e que Satã devora;
 Um corpo moribundo em que se nutre
 Uma centelha de pungente fogo,
 Um raio divinal que dói e mata,
 Que doira as nuvens e amortalha a terra!...
 Uma alma como o pó em que se pisa;
 Um bastardo de Deus, um vagabundo

A que o gênio gravou na fronte — anátema!
 Desses que a turba com o dedo aponta. . .
 Mas não; não hei de sê-lo! eu juro n'alma,
 Pela caveira, pelas negras cinzas
 De minha mãe o juro... agora há pouco
 Junto de um morto reneguei do gênio,
 Quebrei a lira à pedra de um sepulcro. . .
 Eu era um trovador, sou um mendigo... —

Ergueu do chão a dádiva d'Elfrida;
 Roçou as flores aos trementes lábios;
 Beijou-as. Sobre o peito de Tancredo
 Pousou-as lentamente...

— Em nome dele,
 Agradeço estas flores do teu seio,
 Anjo que sobre um túmulo desfolhas
 Tuas últimas flores de donzela! —

Depois vibrou na lira estranhas mágoas,
 Carpiu à longa noite escuras nênias,
 Cantou: banhrou de lágrimas o morto.

De repente parou — vibrou a lira
 Co'as mãos iradas trêmulas... e as cordas
 Uma per uma rebentou cantando...
 Tinha fogo no crânio, e sufocava.
 Passou a fria mão nas fontes úmidas,
 Abriu a medo os lábios convulsivos,
 Sorriu de desespero — e sempre rindo
 Quebrou as jóias e as lançou no abismo...

VI

No outro dia, na borda do caminho
 Deitado ao pé de um fosso aberto apenas
 Viu-se um mancebo loiro que morria. . .
 Semblante feminil, e formas débeis,
 Mas nos palores da espaçosa fronte
 Uma sombria dor cavara sulcos.
 Corria sobre os lábios alvacentos
 Uma leve umidez, um ló d'escuma,
 E seus dentes a raiva constringira...
 Tinha os punhos cerrados. . . Sobre o peito
 Acharam letras de uma língua estranha. . .
 E um vidro sem licor. . . fora veneno! . . .

Ninguém o conheceu; mas conta o povo

Que, ao lançá-lo no túmulo, o coveiro
 Quis roubar-lhe o gibão — despiu o moço. . .
 E viu. . . talvez é falso. . . níveos seios. . .
 Um corpo de mulher de formas puras. . .

VII

Na tumba dormem os mistérios d'ambos;
 Da morte o negro véu não há erguê-lo!
 Romance obscuro de paixões ignotas,
 Poema d'esperança e desventura,
 Quando a aurora mais bela os encantava,
 Talvez rompeu-se no sepulcro deles!
 Não pode o bardo revelar segredos
 Que levaram ao céu as ternas sombras;
 Desfolha apenas nessas fronteiras puras
 Da extrema inspiração as flores murchas. . .

IDÉIAS ÍNTIMAS

Fragmento

*La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche,
 La table où je t'écris,.....
 Mes gros souliers ferrés, mon bâton, mon chapeau,
 Mes livres pêle-mêle entassés sur
 leur planche.*

.....
*De cet espace étroit sont tout
 l'ameublement.*

**Jocelyn
 Lamartine**

I

Ossian o bardo é triste como a sombra
 Que seus cantos povoa. O Lamartine
 É monótono e belo como a noite,
 Como a lua no mar e o som das ondas...
 Mas pranteia uma eterna monodia,
 Tem na lira do gênio uma só corda,
 Fibra de amor e Deus que um sopro agita:
 Se desmaia de amor a Deus se volta,
 Se pranteia por Deus de amor suspira.
 Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
 Fantástico alemão, poeta ardente
 Que ilumina o clarão das gotas pálidas
 Do nobre Johannisberg! Nos teus romances

Meu coração deleita-se. . . Contudo
 Parece-me que vou perdendo o gosto,
 Vou ficando *blasé*, passeio os dias
 Pelo meu corredor, sem companheiro,
 Sem ler, nem poetar. Vivo fumando.
 Minha casa não tem menores névoas
 Que as deste céu d'inverno. . . Solitário
 Passo as noites aqui e os dias longos;
 Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;
 Debalde ali de um canto um beijo implora,
 Como a beleza que o Sultão despreza,
 Meu cachimbo alemão abandonado!
 Não passeio a cavalo e não namoro;
 Odeio o *lansquenet*. . . Palavra d'honra!
 Se assim me continuam por dois meses
 Os diabos azuis nos frouxos membros,
 Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso.

II

Enchi o meu salão de mil figuras.
 Aqui voa um cavalo no galope,
 Um roxo *dominó* as costas volta
 A um cavaleiro de alemães bigodes,
 Um preto bebereão sobre uma pipa.
 Aos grossos beijos a garrafa aperta. . .
 Ao longo das paredes se derramam
 Extintas inscrições de versos mortos,
 E mortos ao nascer. . . Ali na alcova
 Em águas negras se levanta a ilha
 Romântica, sombria à flor das ondas
 De um rio que se perde na floresta. . .
 Um sonho de mancebo e de poeta,
 El-Dorado de amor que a mente cria
 Como um Éden de noites deleitosas...
 Era ali que eu podia no silêncio
 Junto de um anjo. . . Além o romantismo!
 Borra adiante folgaz caricatura
 Com tinta de escrever e pó vermelho
 A gorda face, o volumoso abdômen,
 E a grossa penca do nariz purpúreo
 Do alegre vendilhão entre botelhas
 Metido num tonel... Na minha cômoda
 Meio encetado o copo inda verbera
 As águas d'ouro do *Cognac* fogofofo.
 Negreja ao pé narcótica botelha
 Que da essência de flores de laranja
 Guarda o licor que nectariza os nervos.

Ali mistura-se o charuto Havano
 Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo.
 A mesa escura cambaleia ao peso
 Do titânio *Digesto*, e ao lado dele
Childe-Harold entreaberto ou Lamartine
 Mostra que o romantismo se descuida
 E que a poesia sobrenada sempre
 Ao pesadelo clássico do estudo.

III

Reina a desordem pela sala antiga,
 Desce a teia de aranha as bambinelas
 A estante pulvurenta. A roupa, os livros
 Sobre as cadeiras poucas se confundem.
 Marca a folha do *Faust* um colarinho
 E Alfredo de Musset encobre às vezes
 De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.
 Como outr'ora do mundo os elementos
 Pela treva jogando cambalhotas,
 Meu quarto, mundo em caos, espera um *Fiat*!

IV

Na minha sala três retratos pendem.
 Ali Victor Hugo. Na larga fronte
 Erguidos luzem os cabelos loiros
 Como c'roa soberba. Homem sublime,
 O poeta de Deus e amores puros
 Que sonhou Triboulet, Marion Delorme
 E Esmeralda a Cigana... e diz a crônica
 Que foi aos tribunais parar um dia
 Por amar as mulheres dos amigos
 E adúlteros fazer romances vivos.

V

Aquele é Lamennais — o bardo santo,
 Cabeça de profeta, ungido crente,
 Alma de fogo na mundana argila
 Que as harpas de Sion vibrou na sombra,
 Pela noite do século chamando
 A Deus e à liberdade as loucas turbas.
 Por ele a George Sand morreu de amores,
 E dizem que. . . Defronte, aquele moço
 Pálido, pensativo, a fronte erguida,
 Olhar de Bonaparte em face Austríaca,
 Foi do homem secular as esperanças.

No berço imperial um céu de Agosto
 Nos cantos de triunfo despertou-o. . .
 As águias de Wagram e de Marengo
 Abriam flamejando as longas asas
 Impregnadas do fumo dos combates,
 Na púrpura dos Césares, guardando-o.
 E o gênio do futuro parecia
 Predestiná-lo à glória. A história dele?...
 Resta um crânio nas urnas do estrangeiro. . .
 Um loureiro sem flores nem sementes. ..
 E um passado de lágrimas. . . A terra
 Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.
 Pode o mundo chorar sua agonia
 E os louros de seu pai na fronte dele
 Infecundos depor... Estrela morta,
 Só pode o menestrel sagrar-te prantos!

VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
 Olhos fitos no céu, cabelos soltos,
 Pálida sombra de mulher formosa
 Entre nuvens azuis pranteia orando.
 É um retrato talvez. Naquele seio
 Porventura sonhei doiradas noites:
 Talvez sonhando desatei sorrindo
 Alguma vez nos ombros perfumados
 Esses cabelos negros, e em delíquio
 Nos lábios dela suspirei tremendo.
 Foi-se minha visão. E resta agora
 Aquela vaga sombra na parede
 — Fantasma de carvão e pó cerúleo,
 Tão vaga, tão extinta e fumarenta
 Como de um sonho o recordar incerto.

VII

Em frente do meu leito, em negro quadro
 A minha amante dorme. É uma estampa
 De bela adormecida. A rósea face
 Parece em visos de um amor lascivo
 De fogos vagabundos acender-se. . .
 E com a nívea mão recata o seio. . .
 Oh! quantas vezes, ideal mimoso,
 Não encheste minh'alma de ventura,
 Quando louco, sedento e arquejante,
 Meus tristes lábios imprimi ardentes
 No poento vidro que te guarda o sono!

VIII

O pobre leito meu desfeito ainda
 A febre aponta da noturna insônia.
 Aqui lânguido a noite debati-me
 Em vãos delírios anelando um beijo...
 E a donzela ideal nos róseos lábios,
 No doce berço do moreno seio
 Minha vida embalou estremecendo. . .
 Foram sonhos contudo. A minha vida
 Se esgota em ilusões. E quando a fada
 Que diviniza meu pensar ardente
 Um instante em seus braços me descansa
 E roça a medo em meus ardentes lábios
 Um beijo que de amor me turva os olhos,
 Me ateia o sangue, me enlanguesce a fronte,
 Um espírito negro me desperta,
 O encanto do meu sonho se evapora
 E das nuvens de nácar da ventura
 Rolo tremendo à solidão da vida!

IX

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
 A ventura de uma alma de donzela!
 E sem na vida ter sentido nunca
 Na suave atração de um róseo corpo
 Meus olhos turvos se fechar de gozo!
 Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
 Passam tantas visões sobre meu peito!
 Palor de febre meu semblante cobre,
 Bate meu coração com tanto fogo!
 Um doce nome os lábios meus suspiram,
 Um nome de mulher... e vejo lânguida
 No véu suave de amorosas sombras
 Seminua, abatida, a mão no seio,
 Perfumada visão romper a nuvem,
 Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras
 O alento fresco e leve como a vida
 Passar delicioso. . . Que delírios!
 Acordo palpitante... inda a procuro;
 Embalado chamo, embalado as minhas lágrimas
 Banham meus olhos, e suspiro e gemo. . .
 Imploro uma ilusão. . . tudo é silêncio!
 Só o leito deserto, a sala muda!
 Amorosa visão, mulher dos sonhos,
 Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!

Nunca virás iluminar meu peito
Com um raio de luz desses teus olhos?

X

Meu pobre leito! eu amo-te contudo!

Aqui levei sonhando noites belas,
As longas horas olvidei libando
Ardentes gotas de licor doirado,
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das páginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
És a página d'ouro. Em teu asilo
Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a fantasia! Oh! quantas vezes
Do levante no sol entre odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta música ouvi que me encantava!
Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas
Mais trêmulo que Faust eu não beijava,
Mais feliz que Don Juan e Lovelace
Não apertei ao peito desmaiando!
Ó meus sonhos de amor e mocidade,
Por que ser tão formosos, se devíeis
Me abandonar tão cedo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

XI

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron —
Na mesa confundidos. Junto deles
Meu velho candeeiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
Ó meu amigo, ó velador noturno,
Tu não me abandonaste nas vigílias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros,
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas de namoro!
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas cenas de meu drama obscuro!
E n'um dia de *spleen*, vindo a pachorra,
Hei de evocar-te n'um poema heróico
Na rima de Camões e de Ariosto

Como padrão às lâmpadas futuras!

.....

XII

Aqui sobre esta mesa junto ao leito
Em caixa negra dous retratos guardo.
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite: neste exílio
Venero-os juntos e os prefiro unidos
— Meu pai e minha mãe.— Se acaso um dia
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguém. Sobre meu peito
Lancem-os em meu túmulo. Mais doce
Será certo o dormir da noite negra
Tendo no peito essas imagens puras.

XIII

Havia uma outra imagem que eu sonhava
No meu peito na vida e no sepulcro.
Mas ela não o quis... rompeu a tela
Onde eu pintara meus doirados sonhos.
Se posso no viver sonhar com ela,
Essa trança beijar de seus cabelos
E essas violetas inodoras, murchas,
Nos lábios frios comprimir chorando,
Não poderei na sepultura, ao menos,
Sua imagem divina ter no peito.

XIV

Parece que chorei... Sinto na face
Uma perdida lágrima rolando...
Satã leve a tristeza! Olá, meu pajem,
Derrama no meu copo as gotas últimas
Dessa garrafa negra...

Eia! bebamos!

És o sangue do gênio, o puro néctar
Que as almas de poeta diviniza,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem, feroso *Cognac*! É só contigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os eflúvios dessas gotas áureas
Filtram no sangue meu correndo a vida,
Vibram-me os nervos e as artérias queimam,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cérebro passam deliriosos

Assomos de poesia... Dentre a sombra
 Vejo n'um leito d'ouro a imagem dela
 Palpitante, que dorme e que suspira,
 Que seus braços me estende...

Eu me esquecia:
 Faz-se noite; traz fogo e dous charutos
 E na mesa do estudo acende a lâmpada...

BOÊMIOS

Ato de uma comédia não escrita

Totus mundus agit histrionem.
 Provérbio do tempo de **Shakespeare**

A cena passa-se na Itália no século XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. N'uma esquina uma imagem de Madona em seu nicho alumado por uma lâmpada.

Puff dorme no chão abraçando uma garrafa. *Níni* entra tocando guitarra.
 Dão 5 horas.

Níni

Olá! que fazes, *Puff*? dormes na rua?

Puff, acordando.

Não durmo... Penso.

Níni

Estás enamorado
 E deitado na pedra acaso esperas
 O abrir de uma janela? Estás cioso
 E co'a botelha em vez de durindana
 Aguardas o rival?

Puff

Ceiei à farta
 Na taverna do Sapo e das Três-Cobras.
 Faço o quilo; ao repouso me abandono.
 Como o Papa Alexandre ou como um Turco,
 Me entrego ao *far niente* e bem a gosto
 Descanso na calçada imaginando.

Níni

Embalde quis dormir. Na minha mente
 Fermenta um mundo novo que desperta.
 Escuta, Puff: eu sinto no meu crânio
 Como em seio de mãe um feto vivo.
 Na minha insônia vela o pensamento.
 Os poetas passados e futuros
 Vou todos ofuscar... Aqui no cérebro
 Tenho um grande poema. Hei de escrevê-lo,
 É certa a glória minha!

Puff

A idéia é boa:
 Toma dez bebedeiras — são dez cantos.
 Quanto a mim tenho fé que a poesia
 Dorme dentro do vinho. Os bons poetas
 Para ser imortais beberam muito.

Níni

Não rias. Minha idéia é nova e bela.
 A Musa me votou a eterna glória.
 Não me engano, meu Puff, enquanto sonho:
 Se aos poetas divinos Deus concede
 Um céu mais glorioso, ali com Tasso,
 Com Dante e Ariosto eu hei de ver-me.
 Se eu fizer um poema, certamente
 No Panteon da fama cem estátuas
 Cantarão aos vindouros o meu gênio!

Puff

Em estátua, meu Níni! Estás zombando!
 É impossível que saias parecido.
 Que mármore daria a cor vermelha
 Deste imenso nariz, destas melenas?

Níni

Estás bêbado, Puff. Tresandas vinho.

Puff

O vinho! és uma besta; só um parvo
 Pode a beleza desmentir do vinho.
 Tu nunca leste o *Cântico dos Cânticos*
 Onde o rei Salomão, como elogio,

Dizia à noiva: — *Pulchrora sunt*
Ubera tua vino!

Níni

É sempre um bobo.

Puff

E tu és sempre esse nariz vermelho
Que ainda aqui na treva desta rua
Flameja ao pé de mim. Quando te vejo,
Penso que estou na Igreja ouvindo Missa
Dita por Cardeal.

Níni

És um devasso.

Puff

Respondo-te somente o que dizia
Sir John Falstaff, da noite o cavaleiro:
"Se Adão pecou no estado de inocência,
Que muito é que nos dias da impureza
Peque o mísero Puff?" Tu bem o sabes:
Toda a fragilidade vem da carne,
E na carne se eu tanto excedo os outros,
Vícios não devem meus causar espanto.
Minha alma dorme em treva completíssima
Pela minha descrença... E tu, maldito,
Por que sempre não vens esclarecer-me
Com esse teu farol aceso sempre,
Cavaleiro da lâmpada vermelha,
As trevas de minh'alma?

Níni

Que leproso!

Puff

Sou um homem de peso. Entendo a vida;
Tenho muito miolo, e a prova disto
É que não sou poeta nem filósofo,
E gosto de beber, como Panúrgio.
Se tu fosses tonel, como pareces,
Eu te bebera agora de um só trago.

Níni

Quero-te bem contudo. Amigos velhos
Deixemo-nos de histórias. Meu poema...

Puff

Se falas em poema, eu logo durmo.

Níni

Uma vez era um rei...

Puff

Não vês? eu ronco.

Níni

Quero a ti dedicar minha obra-prima;
Irás junto comigo à eternidade.
Teu retrato porei no frontispício.
Meu poema será uma coroa
Que as nossas fronte engrinalde juntas.

Puff

Pensei-te menos doudo. O teu poema
Seria uma sublime carapuça.
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Níni,
Tu precisas de um saco.

Níni

Impertinente!

Puff

Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?
Passei ontem o dia de namoro;
Minhas paixões voltei à nova esposa
Do velho Conde que ali mora em frente.
Estou adiantado nos amores.
A cozinheira, outrora minha amante,
Meus passos guia, meus suspiros leva.
Mas preciso com pressa de um soneto.
Prometes-me fazê-lo?

Níni

Se me ouvires
Recitar meu poema...

Puff

Eu me resigno.
Declama teu sermão, como um vigário.
Mas o sono ao rebanho se permite?

(Entra um criado correndo).

Roa-me o diabo as tripas, se não vejo
Ali correr com pernas de cabrita
O criado do cônego Tansoní.

Níni

Onde vais, Gambioletto?

Gambioletto

Vou à pressa
Ao doutor Fossuário.

Puff

Acaso agora
O carrasco fugiu?

Níni

Quem agoniza?

Gambioletto

O Reverendo e Santo Sr. Cônego,
Deitando-se a dormir depois da ceia
No colo de Madona la Zaffeta,
Umas dores sentiu pela barriga,
Caiu estrebuchando sobre a sala...
Morre de apoplexia.

Níni

O diabo o leve!

Gambioletto

E o médico, Srs.!
(Sai correndo).

Puff

Venturoso!

Sempre é Cônego... Níni, *dulce et decus*
Pro patria mori... É doce e glorioso
Morrer de apoplexia! Quem me dera
Morrer depois da ceia, de repente!
Não vem o confessor contar novelas,
Não soam cantos fúnebres em torno,
Nem se força o medroso moribundo
A rezar, quando só dormir quisera!
Venturosos os Cônegos e os Bispos,
E os papudos Abades dos conventos!
Eles podem morrer de apoplexia!
E se morre pensando — coisa nova! —
Quem nunca no viver cansou-se nisso;
Se eles morrem pensando, ante seus olhos,
No momento final sem ter pavores,
Inda corre a visão da bela mesa!
A não morrer-se como o velho Píndaro,
Cantando, sobre o seio amorenado
De sua amante Grega, oh! quem me dera
Cair morto no chão, beijando ainda
A botelha divina!

Níni

Que maluco!

A estas horas da noite, assim no escuro
Não temes de lembrar-te de defuntos?
Beijarias até uma caveira,
Se espumante o Madeira ali corresse!

Puff

Os cálices doirados são mais belos;
Inda porém mais doce é nos beicinhos
Da bela moça que sorrindo bebe
Libar mais terno o saibo dos licores...
Eu prefiro beijar a tua amante.

Níni

Tens medo de defuntos?

Puff

Um bocado.

Sinto que não nasci para coveiro.
 Contudo, no domingo, à meia-noite. . .
 Pela força passei, vi nas alturas,
 Do luar sem vapor à luz formosa,
 Um vilão pendurado. Era tão feio!
 A língua um palmo fora, sobre o peito,
 Os olhos espantados, boca lívida,
 Sobre a cabeça dele estava um corvo...
 O morto estava nu, pois o carrasco
 Despindo os mortos dá vestido aos filhos,
 E deixa à noite o padecente à fresca.
 Eu senti pelo corpo uns arrepios. . .
 Mas depois veio o ânimo... trepei-me
 Pela escada da força, fui acima,
 E pinteí uns bigodes no enforcado.

Níni

Bravo como um Vampiro!

Puff

Oh! antes d'ontem
 Passei pelos telhados sem ter medo,
 Para evitar um pátio onde velava
 Um cão — que enorme cão! — subindo ao quarto
 Onde dorme Rosina Belvidera.

Níni

Ousaste ao Cardeal depor na fronte
 Tão pesada coroa?

Puff

A mitra cobre.

Dizem que a santidade lava tudo:
 Depois. . . o Cardeal estava bêbado...
 A propósito, sabes dos amores
 Do capitão Tybald? O tal maroto
 Não sei de que milagres tem segredo
 Que deu volta à cabeça da rainha.

Níni

Por isso o pobre Rei anda tão triste!

Puff

Spadaro, o fidalgote barba-ruiva,
Contou-me que espiando p'la janela
Do quarto da rainha os viu... Caluda!

Níni

E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha
Algum pau de vassoura ou um chicote?

Puff

El-Rei Nosso Senhor então ceava.

Níni

Santo Rei!

Puff

E demais é bem
sabido
Que El-Rei só reina à mesa e nas caçadas.

Níni

Nunca perde um veado quando atira.

Puff

Ele caça veados! Má fortuna!
Não o cacem também pela ramagem!

Níni

Com língua tão comprida e viperina
Irás parar na forca.

Puff

Níni, escuta.
Assisti esta noite a um pagode

Na taverna do Sapo e das Três-Cobras.
 Era já lusco-fusco e eu entrando
 Dou com Frei São José e Frei Gregório,
 O Prior do convento dos Bernardos
 E mais uns dous ou três que só conheço
 De ver pelas esquinas se encostando,
 Ou dormidos na rua a sono solto...

Que soberbo painel! Faze uma idéia!
 Um banquete! fartura! que presuntos!
 Que tostados leitões que recendiam!
 N'uma enorme caldeira enormes peixes,
 Recheados capões fervendo ainda,
 Perus, *olhas-podridas*, costeletas...
 Esgotara o talento a cozinheira!
 Abertos garrafões; garrafas cheias;
 Vinho em copos imensos transbordando;
 Na toalha, já suja, debruçados
 Aqueles religiosos cachaçados
 De boca aberta e de embotados olhos.
 Gastrônomos! ali é que se via
 Que é ciência o comer, e como um frade
 Goza pelo nariz e pelos olhos,
 Pelas mãos, pela boca, e faz focinho
 E bate a língua ao paladar gostoso
 Ao celeste sabor de um bom pedaço!

Depois! era bonito! Frei Gregório
 Co'a boca de gordura reluzente,
 Farto de vinho, esquece o reumatismo,
 Esquece a erisipela já sem cura,
 Canta rondós e dança a tarantela...
 Arrasta-se caindo e se babando
 Aos pés da taverneira. De joelhos
 Faz-lhe a corte cantando o *Miserere*,
 Principia sermões, engrola textos,
 E a gorda mão estende ao nédio seio
 Da bela mocetona... a mão lhe beija,
 A mão que o cetro cinge de vassoura...
 Chora, soluça e cai, estende os braços,
 Ainda a chama, e cantochão entoia...

Era de rir! os velhos amorosos,
 Uns de joelhos no chão, outros cantando
 Estendidos na mesa entre os despojos,
 Outros beijando a moça, outros dormindo.
 Ela no meio deslambida e fresca
 Excita-os mutuamente e os rivaliza,

Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...

Corre o Prior a soco um Barbadinho,
Atracam-se, blasfemam, esconjuram,
Um agarra na barba do contrário,
Outro tenta apertar o papo alheio...
Abraçam-se na luta os dous volumes
E rolam como pipas. No oceano
Assim duas baleias ciumentas
Atracam-se na luta... Que risadas!
Que risadas, meu Deus! arrebetando
Soltou o pobre Puff vendo a comédia!

Níni

Ouve agora o poema...

Puff

Espera um pouco.
A taverna do canto não se fecha.
Está aberta. Compra uma garrafa...
Bom vinho... tu bem sabes! Tenho a goela
Fidalga como um rei. Não tenho dúvida:
Mentiu a minha mãe quando contou-me
Que nasci de um prosaico matrimônio
Eu filho de escrivão!... Para criar-me
Era — senão um Rei — preciso um Bispo!

Níni

(Vai à taverna e volta).

Eis aqui uma bela empada fria,
Uma garrafa e copo.

Puff

(Quebrando o copo).

O Demo o leve!
Eu sou como Diógenes. Só quero
Aquilo sem o que viver não posso.
Deitado nesta laje, preguiçoso,
Olhando a lua, beijo esta garrafa,
E o mundo para mim é como um sonho.
Creio até que teu ventre desmedido
Como escura caverna vai abrir-se,
Mostrando-me no seio iluminado
Panoramas de harém, Sultanas lindas

E longas prateleiras de bom vinho!

Níni

Dou começo ao poema. Escuta um pouco.

I

“Havia um rei n’uma ilha solitária,
Um rei valente, cavaleiro e belo.
O rei tinha um irmão. — Era um mancebo
Pálido, pensativo. A sua vida
Era nas serras divagar cismando,
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

II

Vagabundo uma vez juntos das ondas
O Príncipe encontrou na areia fria
Uma branca donzela desmaiada,
Que um naufrágio na praia arremessara.
Revelavam-lhe as roupas gotejantes
O belo talhe níveo, o melindroso
Das bem moldadas formas. — O mancebo
Nos braços a tomou, e foi com ela
Esconder-se no bosque.

Quando a bela
Suspirando acordou, o belo Príncipe
Aos pés dela velava de joelhos.

Amaram-se. É a vida. Eles viveram
Desse desmaio que dá corpo aos sonhos,
Que realiza visões e aroma a vida
Na sua primavera. A lua pálida,
As sombras da floresta, e dentre a sombra
As aves amorosas que suspiram
Viram aquelas fronteiras namoradas,
Ouviram sufocando-se n’um beijo
Suspiros que o deleite evaporava.

III

O Rei tinha um truão. O caso é visto;
É muito natural. — Se reis sombrios
Gostam de bobos na doirada corte,
Não admira de certo que um risonho

Em vez de capelão tivesse um bobo.

Loriolo — o truão do Rei — acaso
 Um dia atravessando p'la floresta,
 Foi dar numa cabana de folhagens.
 Ninguém estava ali, porém n'um leito
 De brandas folhas e cheirosas flores
 Ele viu estendidas roupas alvas
 — E roupas de mulher! — e junto um gorro,
 Que pelas jóias e flutuantes plumas
 E pela firma no veludo negro
 Denunciava o Príncipe.

Loriolo,

Apesar de na corte ser um Bobo,
 Não era um zote. Foi-se remoendo,
 Jurou dar com a história dos namoros,
 E para andar melhor em tal caminho,
 Ele que adivinhava que as Américas
 Sem proteção de rei ninguém descobre,
 Madrugou muito cedo — inda era escuro —
 E convidou El-Rei para o passeio.

IV

Ora, por uma triste desventura,
 O rei entrando na Cabana Verde
 Achou só a mulher. — Adormecida
 No desalinho descuidoso e belo
 Com que elas dormem, soltos os cabelos,
 A face sobre a mão, e os seios lindos
 Batendo à solta na macia tela
 Da roupa de dormir que os modelava...
 Não digo mais...

Loriolo pôs-se à espreita.

O Rei de leve despertou a bela,
 Acordou-a n'um beijo...

V

A linda moça,
 Se havia ali raivosa apunhalar-se,
 Fazer espalhafato e gritaria,
 Por um capricho, voluptuoso assomo,
 Entregou-se ao amor do Rei...

VI

"Maldito!"

Bradou-lhe à porta um vulto macilento.

"Maldito! meu irmão, aquela moça
É minha, minha só, é minha amante
E minha esposa fora..."

O Rei sorrindo

Lhe estende a régia mão e diz alegre:

"A culpa é tua. Eu disto não sabia;
Se do teu casamento me falasses,
Eu respeitara tua...."

"Basta, infame!

Não acrescentes zombaria ao crime.
Hei de punir-te. É solitário o bosque;
Aqui não és um rei, porém um homem,
Um vil em cujo sangue hei de lavar-me.
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sede!"

VII

Despiu tremendo a reluzente espada.
O mesmo fez o Rei. — Lutaram ambos.
Feminae sacra fames, quantum pectora
Mortalia cogis! E embalde a moça,
Ajoelhando seminua e pálida,
Vinha chorando, mais gentil no pranto,
Entre as espadas se lançar gemendo.
Embalde! Longo tempo encarnçada
A peleja durou... Enfim caíram...
Rolaram ambos trespassados, frios,
E, na treva de morte que os cegava,
Inda alongando os braços convulsivos
Que avermelhava o fraticida sangue,
Procurando no sangue o inimigo!

VIII

O Bobo fez as covas. Na montanha
Enterrou os irmãos. — E quanto à moça,
Pelo braço a tomou chorosa e fria,
Foi ao paço, e na gótica varanda,
De coroa real e longo manto,
Falou à plebe, prometeu franquezas,
Impostos levantar e dar torneios.
— Falou aos guardas: prometeu-lhes vinho.

— Falou à fidalguia, mas no ouvido,
 E prometeu-lhe consentir nos vícios
 E depressa fazer uma lei nova
 Pela qual, se um fidalgo assassinasse
 Algum torpe vilão, ficasse impune
 E nem pagasse mais a vil quantia
 Que era pena do crime — e alto disse
 Que havia conquistar países novos.

IX

A história infelizmente é muito vista.
 Não sou original! É uma desgraça!
 Mas prefiro o caráter verdadeiro
 De trovador cronista. —

Loriolo

Trocou de guizos o boné sonoro
 — Muito leve chapéu! — pela coroa...
 Só teve uma desgraça o Rei novato:
 Foi que um dia fugiu-lhe do palácio
 A tal moça volante nos amores.

X

Muitos anos passaram. Loriolo
 Era um sublime rei. De rei a bobo
 Já tantos têm caído! Não admira
 Que um Bobo sendo Rei primasse tanto.
 Governava tão bem como governam
 Os reis de sangue azul e raça antiga.
 Demais gastava pouco, e, se não fosse
 Seu amor pelas alvas formosuras,
 De certo que na lista dos monarcas
 Ele ficava sendo o Rei Sovina.
 Enfim era um Monarca de mão-cheia.
 Tinha só um defeito — vendo sangue
 Tinha frio no ventre; e desmaiava
 Ao luzir de uma espada... era nervoso!
 Ninguém falava nisso. — Até a giba,
 A figura de anão, a pele escura,
 Aquela boca negra escancarada
 (E que nem dentes amarelos tinha
 P'ra ser de Adamastor), as gâmbias finas,
 Eram tipo dos quadros dos pintores.
 Se pintavam Adônis ou Cupido,
 Copiavam o Rei em corpo inteiro.
 E o oiro das moedas, que trazia

A ventosa bochecha, os beijos grossos,
O porcino perfil e a cabeleira,
Era beijado com fervor e culto.

XI

Loriolo envelhecia entre os aplausos,
Dando a mão a beijar à fidalguia.
Demais um sabichão fizera um livro
Em vinte e tantos volumões in-folio,
Obra cheia de mapas e figuras
Em que provava que por linha reta
De Hércules descendia Loriolo
E portanto de Júpiter Tonante.
E apresentou as certidões em cópia
De óbito e nascimento e batistério,
E até de casamento, para prova
De que nas veias puras do Monarca
Não correria a mais leve bastardia.
É inútil dizer que os tais volumes
Nada contavam sobre o Pai, porqueiro
Como o do Santo Papa Sixto Quinto,
E sobre a mãe do Rei, a velha Mória
Que vendera perus, Deus sabe o resto!
Nos tempos folgazões da mocidade!

XII

Um dia o reino cem navios tocam.
São piratas do Norte! são Normandos!
Infrene multidão nas praias corre,
Levando tudo a ferro... até os frades.
Matam, queimam, saqueiam, furtam moças,
E a infrene turba corre até aos paços.

XIII

Enquanto vem a campo a fidalguia
Armada *pied en cap*, espada em punho,
Loriolo sem fala nos apertos,
Nas adegas se esconde.

Embalde o chamam,
Embalde corre voz que dos Normandos
Emissário de paz o Rei procura.
El-Rei suou de susto a roupa inteira.
Nem era de admirar, que a reis e povo,
Como ao bicho-da-seda a trovada,

Camisas de onze varas apavoram
E fazem frio aparições de força.

XIV

Um soldado Normando que buscava
Nas adegas reais alguma pinga,
Mete a verruma numa velha pipa.
Um grito sai dali, mas não licores.
O soldado feroz destampa o nicho;
Agarra um vulto dentro, mas somente
Sente nas mãos vazia cabeleira...
Desembainha a torva durindana.
Nas cavernas da pipa, e nas cavernas
Do coração do Rei reboa o golpe.
Estala-se o tonel de meio a meio.
Entretanto o bom Rei que não falava,
Sujo da lia da ruinosa pipa,
Mais morto do que vivo (já pensando
Que seu reino acabava n'um espeto
Como o reino do galo), às cambalhotas
Rola aos pés do soldado, chora e treme,
Gagueja de pavor nos calafrios
E pelo amor de Deus perdão implora.

XV

O soldado, maroto e bom gaiato,
Agarra às costas o real trambolho,
Como um vilão que à feira leva um porco,
E no meio do pátio, entre os despojos,
De pernas para o ar e cara suja
Atira o bobo...

— El-Rei! clama um fidalgo.

XVI

Porém o Rei não fala... Sua e treme.
"Singofredo o pirata aqui me envia.
(Diz ao Rei o pacífico Mercúrio,
O Arauto de paz que vem de bordo): —
Eu venho aqui propor-vos um tratado.
Por direito de espada e por herança
Singofredo é senhor destes países.
Ele vem reclamar sua coroa.
Se o Rei não se opuser, não corre sangue;

Senão hão de fazê-lo em sarrabulho,
 Puxado p'lo nariz o encher de lodo
 E espetar-lhe a careta sobre um mastro.
 Singofredo o feroz exige apenas
 Que o Rei deixando o cetro deste reino
 Seja sempre na corte Rei da Lua.
 Loriolo virá ao seu caminho
 Trajando seu gibão amarelado
 Com remendos de cor, e campainhas,
 Meias roxas e gorro afunilado."

XVII

Loriolo suspira. O povo espera.
 Pela face do Bobo corre a furto
 Uma lágrima trêmula. — É desgraça
 Tendo subido a Rei voltar. . .

Nem ousa
 O nome proferir de sua infâmia.

De repente uma idéia o ilumina...
 Deu uma das antigas gargalhadas,
 Inda em trajes de rei graceja e pula.

Foi uma dança cômica, fantástica,
 Um riso que doía — tão gelado
 Coava o coração!... Estava doudo...
 Dançou a gargalhar... caiu exausto,
 Caiu sem movimento sobre o lodo...
 Escutaram-lhe o peito. Estava morto.

Ora o pirata, o invasor Normando,
 Era filho da nossa conhecida,
 Que, posto não pudesse com acerto
 Dizer quem era o pai de seu boêmio,
 Afirmava contudo afoitamente
 Que, em todo o caso, tinha jus ao trono.

Reina pela cidade a bebedeira,
 E bebendo à saúde do bastardo
 O Bobo que foi rei ninguém sepulta...

* * *

Bem vês, amigo Puff, que neste conto
 Em poucos versos digo histórias longas:
 — Amores, mortes, e no trono um bobo

E sobre o lodo um rei que não se enterra. —
 Muito embora a mulher as roupas façam,
 Eu provo que o burel não faz o monge,
 E um bobo é sempre um bobo. Mostro ainda
 De meu estro no vário cosmorama
 Um rei que numa pipa o trono perde,
 E um bastardo que o pai dizer não pode
 E em nome de dous pais, ambos em dúvida,
 Vem na sangueira reclamar seu nome.

Um outro só com isso dera a lume
 Um poema em dez cantos. Sou conciso;
 Não ousa tanto: dou somente idéias,
 Esboço aqui apenas meu enredo.

Mas... Puff! olá, meu Puff! Estás dormindo,
 Prosaico beberão! Acorda um pouco!
 Bebeu todo o meu vinho — a empada foi-se...
 Não resta-me esperança! Este demônio
 De um poeta como eu nem vale um murro!

Um homem da platéia (interrompendo).

Silêncio! fora a peça! que maçada!
 Até o ponto dorme a sono solto!

Levanta-se o pano até o meio. — Passa por debaixo e vem até a
 rampa o

Prólogo,

velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça frígia coroada de
 louros. Tem um ramo de oliveira na mão. Faz as cortesias do estilo e fala:

Dom Quixote! sublime criatura!
 Tu sim foste leal e cavaleiro,
 O último herói, o paladim extremo
 De Castela e do mundo. Se teu cérebro
 Toldou-se na loucura, a tua insânia
 Vale mais do que o siso destes séculos
 Em que a Infâmia, Dagon cheio de lodo,
 Recebe as orações, mirras e flores,
 E a louca multidão renega o Cristo!
 Tua loucura revelava brio.
 No triste livro do imortal Cervantes
 Não posso crer um insolente escárnio
 Do Cavaleiro andante aos nobres sonhos,
 Ao fidalgo da Mancha — cuja nódoa

Foi só ter crido em Deus e amado os homens,
 E votado seu braço aos oprimidos.
 Aquelas folhas não me causam riso,
 Mas desgosto profundo e tédio à vida.
 Soldado e trovador, era impossível
 Que Cervantes manchasse um valeroso
 Em vil caricatura, e desse à turba,
 Como presa de escárnio e de vergonha,
 Esse homem que à virtude, amor e cantos
 Abria o coração!...

Estas idéias

Servem para desculpa do poeta.
 Apesar de bom moço o autor da peça
 Tem uns laivos talvez de Dom Quixote.
 E nestes tempos de verdade e prosa
 — Sem Gigantes, sem Mágicos medonhos
 Que velavam nas torres encantadas
 As donzelas dormidas por cem anos —
 Do seu imaginar esgrime as sombras
 E dá botes de lança nos moinhos.

Mas não escreve sátiras: — apenas
 Na idade das visões — dá corpo aos sonhos.
 Faz trovas, e não talha carapuças.
 Nem rebuça no véu do mundo antigo,
 P'ra realce maior, presentes vícios.
 Não segue a Juvenal, e não embebe
 Em venenoso fel a pena escura
 Para nódoas pintar no manto alheio.

O tempo em que se passa agora a cena
 É o século dos Bórgias. O Ariosto
 Depôs na frente a Rafael gelado
 Sua c'roa divina, e o segue ao túmulo.
 Ticiano inda vive. O rei da turba
 É um gênio maldito — o Aretino
 Que vende a alma e prostitui as crenças.
 Aretino! essa incrível criatura,
 Poeta sem pudor, onda de lodo
 Em que do gênio profanou-se a pérola...
 Vaso d'ouro que um óxido sem cura
 Azinhavrou de morte... homem terrível
 Que tudo profanou co'as mãos imundas,
 Que latiu como um cão mordendo um século,
 E, como diz um epitáfio antigo,
 Só em Deus não mordeu, porque o não vira.
 Como ele, foi devasso todo o século.

Os contos de Boccacio e de Brantôme
 São mais puros que a história desses tempos.
 Tasso enlouquece. *O Rei que se diverte*
 — O herói de Marignan e de Pavia
 Que n'um vidro escrevera do palácio
"Femme souvent varie", mas leviano
 Com mais amantes que um Sultão vivia,
 Mandava ao Aretino amáveis letras,
 Um colar d'ouro com sangrentas línguas,
 E dava-lhe pensões. O Vaticano
 Viu o Papa beijando aquela fronte.
 Carlos V o nomeia cavaleiro,
 Abraça-o e — inda mais — lhe manda escudos.
 O Duque João Medicis o adora,
 Dorme com ele a par no mesmo leito.
 É um tempo de agonias. A arte pálida,
 Suarenta, moribunda, desespera
 E aguarda o funeral de Miguel Ângelo
 Para com ele abandonar o mundo
 E angélica voltar ao céu dos Anjos.

Agora basta. Revelei minh'alma.
 A cena descrevi onde correrá
 Inteira uma comédia em vez de um ato,
 Se o poeta, mais forte, se atrevesse
 A erguer nos versos a medonha sombra
 Da loucura fatal do mundo inteiro.

Boas-noites, platéia e camarotes;
 O ponto já me diz que deixe o campo.
 O primeiro galã todo empoado,
 Cheio de vermelhão, já dentro fala:
 Estão cheios de luz os bastidores.

Uma última palavra: o autor da peça,
 Puxando-me da túnica romana,
 Diz-me da cena que eu avise às Damas
 Que desta feita os saís não são precisos;
 Não há de sarrabulho haver no palco.
 É uma peça clássica. O perigo
 Que pode ter lugar é vir o sono;
 Mas dormir é tão bom, que certamente
 Ninguém por esse dom fará barulho.

O assunto da Comédia e do Poema
 Era digno sem dúvida, Senhores,
 De uma pena melhor; mas desta feita
 Não fala Shakespeare nem Gil Vicente.

O poeta é novato, mas promete.
 Posto que seja um homem barrigudo
 E tenha por Talia o seu cachimbo,
 Merece aplausos e merece glória.

SPLEEN E CHARUTOS

I

SOLIDÃO

Nas nuvens cor de cinza do horizonte
 A lua amarelada a face embuça;
 Parece que tem frio, e no seu leito
 Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se, vem da noite a vagabunda
 Sem xale, sem camisa e sem mantilha,
 Vem nua e bela procurar amantes;
 É douda por amor da noite a filha.

As nuvens são uns frades de joelhos,
 Rezam adormecendo no oratório;
 Todos têm o capuz e bons narizes,
 E parecem sonhar o refeitório.

As árvores prateiam-se na praia,
 Qual de uma fada os mágicos retiros...
 Ó lua, as doces brisas que sussurram
 Coam dos lábios teus como suspiros!

Falando ao coração que nota aérea
 Deste céu, destas águas se desata?
 Canta assim algum gênio adormecido
 Das ondas mortas no lençol de prata?

Minh'alma tenebrosa se entristece,
 É muda como sala mortuária...
 Deito-me só e triste, e sem ter fome
 Vejo na mesa a ceia solitária.

Ó lua, ó lua bela dos amores
 Se tu és moça e tens um peito amigo,
 Não me deixes assim dormir solteiro,
 À meia-noite vem cear comigo!

II

MEU ANJO

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontânea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pêlo sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janela a vejo
E de seus lábios o gemido escuto.
É leve a criatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte angélica
Um anjo lhe depôs coroa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bela no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho espanhol, um beijo dela
Entorna ao sangue a luz do paraíso.
Dá morte n'um desdém, n'um beijo vida,
E celestes desmaios num sorriso!

Mas quis a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto,
E que ela fosse leviana e bela
Como a leve fumaça de um charuto!

III

VAGABUNDO

Eat, drink and love; what can the rest avail us?

Don Juan

Byron

Eu durmo e vivo no sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva

Nas cavernas do peito, sufocante,
Quando à noite na treva em mim se entornam
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores;
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrasada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando cismando
Na donzela que ali defronte mora.
Ela ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palácio as longas ruas;
Passeio a gosto e durmo sem temores:
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,
Minha pátria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

Sinto-me um coração de *lazzaroni*;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo à Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por aí alguma bela
Bem doirada e amante da preguiça
Quiser a nívea mão unir à minha
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

IV

A LAGARTIXA

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
 Tu és meu copo e amoroso leite...
 Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
 Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
 Não preciso no prado colher flores;
 Engrinaldo melhor a minha fronte
 Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harém a minha bela,
 Em fazer-me ditoso ela capricha;
 Vivo ao sol de seus olhos namorados,
 Como ao sol de verão a lagartixa.

V

LUAR DE VERÃO

O que vês, trovador? — Eu vejo a lua
 Que sem lavor a face ali passeia;
 No azul do firmamento inda é mais pálida
 Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês, trovador? — No esguio tronco
 Vejo erguer-se o chinó de uma nogueira...
 Além se entorna a luz sobre um rochedo
 Tão liso como um pau-de-cabeleira.

Nas praias lisas a maré enchente
 S'espraia cintilante d'ardentia...
 Em vez de aromas as doiradas ondas
 Respiram efluviosa maresia!

O que vês, trovador? — No céu formoso
 Ao sopro dos favônios feiticeiros
 Eu vejo — e tremo de paixão ao vê-las —
 As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,
 Como viúva moça envolta em luto,
 Brilhando em nuvem negra estrela viva
 Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
 A teus raios divinos me abandono,
 Torno-me vaporoso, e só de ver-te
 Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

VI

O POETA MORIBUNDO

Poetas! amanhã ao meu cadáver
Minha tripa cortai mais sonora!...
Façam dela uma corda, e cantem nela
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verão que me alentava...
O aroma dos currais, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravam,
E os sapos que cantavam no caminho!

Coração, por que tremes? Se esta lira
Nas minhas mãos sem força desafina,
Enquanto ao cemitério não te levam,
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia . . .
Como o cisne de outr'ora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

Coração, por que tremes? Vejo a morte,
Ali vem lazarenta e desdentada. ..
Que noiva!. . . E devo então dormir com ela?...
Se ela ao menos dormisse mascarada!

Que ruínas! que amor petrificado!
Tão antediluviano e gigantesco!
Ora, façam idéia que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ela,
Que dessa fúria o gozo, amor eterno. . .
Se ali não há também amor de velha,
Dêem-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;
Lá se namora em boa companhia,
Não pode haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Foram com Satanás fazer colônia,

Antes lá que no Céu sofrer os tolos! —

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil anos ajudar a Missa!

É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou — é ela!
Eu a vi — minha fada aérea e pura —
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! de certo... (pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amores;
São versos dela... que amanhã de certo
Ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! — repeti tremendo,
Mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...

Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim mais bela, — eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céu revela...
É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou — é ela!

SONETO

Um mancebo no jogo se descora,
Outro bêbado passa noite e dia,
Um tolo pela valsa viveria,
Um passeia a cavalo, outro namora.

Um outro que uma sina má devora
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia....
Quantos moços perdidos vejo agora!

Oh! não proíbam pois ao meu retiro
Do pensamento ao merencório luto
A fumaça gentil por que suspiro.

N'uma fumaça o canto d'alma escuto. . .
Um aroma balsâmico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

SONETO

Ao sol do meio-dia eu vi dormindo
Na calçada da rua um marinheiro,
Roncava a todo o pano o tal brejeiro
Do vinho nos vapores se expandindo!

Além um Espanhol eu vi sorrindo
Saboreando um cigarro feiticeiro,
Enchia de fumaça o quarto inteiro.
Parecia de gosto se esvaindo!

Mais longe estava um pobretão careca
De uma esquina lodosa no retiro

Enlevado tocando uma rabeca!

Venturosa indolência! não deliro
Se morro de preguiça.... o mais é seca!
D'esta vida o que mais vale um suspiro?

* * * *

(sem título)

Toda aquela mulher tem a pureza
Que exala o jasmineiro no perfume,
Lampeja seu olhar nos olhos negros
Como em noite d'escuro um vaga-lume...

Que suave moreno o de seu rosto!
A alma parece que seu corpo inflama.
Ilude até que sobre os lábios d'ela
Na cor vermelha tem errante chama....

E quem dirá, meu Deus! que a lira d'alma
Ali não tem um som — nem de falsete!
E sob a imagem de aparente fogo
É frio o coração como um sorvete!

O CÔNEGO FILIPE

O cônego Filipe! Ó nome eterno!
Cinzas ilustres que da terra escura
Fazeis rir nos ciprestes as corujas!
Por que tão pobre lira o céu doou-me
Que não consinta meu inglório gênio
Em vasto e heróico poema decantar-te?

Voltemos ao assunto. A minha musa,
Como um falado Imperador Romano
Distrai-se às vezes apanhando moscas.
Por estradas mais longas ando sempre.
Com o cônego ilustre me pareço,
Quando ele já sentia vir o sono,
Para poupar. Caminho até a vela,
Sobre a vela atirava a carapuça.
Então no escuro, em camisola branca
Já apalpando procurar na sala —
Para o queijo flamengo da careca
Dos defluxos guardar — o negro saco.

À ordem, Musa! Canta agora como
 O poeta Ali-Moon no harém entrando
 Como um poeta que enamora a lua,
 Ou que beija uma estátua de alabastro,
 Suando de calor... de sol e amores...
 Cantava no alaúde enamorado,
 E como ele saiu-se do namoro.
 Assunto bem moral, digno de prêmio,
 E interessante como um catecismo,
 Que tem ares até de ladainha!

Quem não sonhou a terra do Levante?
 As noites do Oriente, o mar, as brisas,
 Toda aquela sua natureza
 Que amorosa suspira e encanta os olhos?

Principio no harém. Não é tão novo.
 Mas esta vida é sempre deleitosa.
 As almas d'homem ao harém se voltam —
 Ser um dia sultão quem não deseja?

Quem não quisera das sombrias folhas
 Nas horas do calor, junto do lago
 As odaliscas espreitar no banho
 E mais bela a sultana entre as formosas?

Mas ah! o plágio nem perdão merece!
 Digam — pega ladrão! — Confesso o crime,
 Não é Ovídio só que imito e sonho,
 Quando pinta Acteon fitando os olhos
 Nas formas nuas de Diana virgem!
 Não! embora eu aqui não fale em ninfas,
 Essa idéia é do cônego Filipe!

TERZA RIMA

É belo de entre a cinza ver ardendo
 Nas mãos do fumador um bom cigarro,
 Sentir o fumo em névoas recendendo,

Do cachimbo alemão no louro barro
 Ver a chama vermelha estremecendo
 E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porém o que há mais doce n'esta vida,
 O que das mágoas desvanece o luto
 E dá som a uma alma empobrecida,

Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

NAMORO A CAVALO

Eu moro em Catumbi. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Pôs lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéia namorada.

Alugo (três mil réis) por uma tarde
Um cavalo de trote (que esparrela)!
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janela...

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso
Algum verso bonito... mas furtado.

Morro pela menina, junto d'ela
Nem ousa suspirar de acanhamento...
Se ela quisesse eu acabava a história
Como toda a comédia — em casamento.

Ontem tinha chovido. . . que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bela
Por ver-me tão lodoso ela irritada
Bateu-me sobre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arrepia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéu que sofrera no pagode
Dei de pernas corrido e cabisbaixo

E berrando de raiva como um bode.

Circunstância agravante. A calça inglesa
 Rasgou-se no cair de meio a meio,
 O sangue pelas ventas me corria
 Em paga do amoroso devaneio!...

O EDITOR

— A poesia transcrita é de Torquato,
 Desse pobre poeta enamorado
 Pelos encantos de Leonora esquiva,
 Copiei-a do próprio manuscrito
 E para prova da verdade pura
 D'este prólogo meu, basta que eu diga
 Que a letra era um garrancho indecifrável,
 Mistura de borrões e linhas tortas,
 Trouxe-me do Arquivo lá da lua
 E decifrou-m'a familiar demônio...
 Demais — infelizmente é bem verdade
 Que Tasso lastimou-se da penúria
 De não ter um ceitil para a candeia.

Provo com isso que do mundo todo
 O sol é este Deus indefinível,
 Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,
 Mais santo do que os Papas — o dinheiro!

Byron no seu *Don Juan* votou-lhe cantos,
 Filinto Elísio e Tolentino o sonham,
 Foi o Deus de Bocage e d'Aretino,
 Aretino, essa incrível criatura
 Lívida e tenebrosa, impura e bela,
 Sublime... e sem pudor, onda de lodo,
 Em que do gênio profanou-se a pérola,
 Vaso d'ouro que um óxido terrível
 Envenenou de morte, alma poeta
 Que tudo profanou com as mãos imundas,
 E latiu como um cão mordendo um século...

.....
 Quem não ama o dinheiro? Não me engano
 Se creio que Satã à noite veio
 Aos ouvidos de Adão adormecido
 Na sua hora primeira, murmurar-lhe
 Essa palavra mágica da vida,
 Que vibra musical em todo o mundo.

Se houvesse o Deus vintém no Paraíso
 Eva não se tentava pelas frutas,
 Pela rubra maçã não se perdera;
 Preferira de certo o louro amante
 Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos
 Eu mostraria quanto o povo mente
 Quando diz — que a poesia enjeita, odeia
 As moedinhas doiradas. — É mentira!

Desde Homero (que até pedia cobre),
 Virgílio, Horácio, Calderon, Racine,
 Boileau e o fabuleiro Lafontaine
 E tantos que melhor de certo fora
 Dos poetas copiar algum catálogo,
 Todos a mil e mil por ele vivem,
 E alguns chegaram a morrer por ele!
 Eu só peço licença de fazer-vos
 Uma simples pergunta. Na gaveta
 Se Camões visse o brilho do dinheiro —
 Malfilâtre, Gilbert, o altivo Chatterton
 Se o tivessem nas rotas algibeiras
 Acaso blasfemando morreriam?

D I N H E I R O

*Oh! argent! Avec toi on est beau, jeune
 adoré; on a considération, honneur,
 qualités, vertus. Quand on n'a point d'argent,
 on est dans la dépendance de toutes
 choses et de tout le monde.*

Chateaubriand

Sem ele não há cova — quem enterra
 Assim *gratis a Deo*? O batizado
 Também custa dinheiro. Quem namora
 Sem pagar as pratinhas ao Mercúrio?
 Demais as Danáes também o adoram.
 Quem imprime seus versos, quem passeia,
 Quem sobe a Deputado, até Ministro,
 Quem é mesmo Eleitor, embora sábio,
 Embora gênio, talentosa frente,
 Alma Romana, se não tem dinheiro?
 Fora a canalha de vazios bolsos!
 O mundo é para todos.... Certamente,

Assim o disse Deus — mas esse texto
 Explica-se melhor e d'outro modo.
 Houve um erro de imprensa no Evangelho:
 O mundo é um festim — concordo nisso,
 Mas não entra ninguém sem ter as lours.

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
 Nem na terra de amor não ter um eco,
 E meu anjo de Deus, o meu planeta
 Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,
 Ter duro como pedra o travesseiro...
 Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
 Cujo sol (quem m'o dera)! é o dinheiro...

Minha desgraça, ó cândida donzela,
 O que faz que o meu peito assim blasfema,
 É ter para escrever todo um poema,
 E não ter um vintém para uma vela.

SONETO

Passei ontem a noite junto dela.
 Do camarote a divisão se erguia
 Apenas entre nós — e eu vivia
 No doce alento dessa virgem bela...

Tanto amor, tanto fogo se revela
 Naqueles olhos negros! só a via!
 Música mais do céu, mais harmonia
 Aspirando nessa alma de donzela!

Como era doce aquele seio arfando!
 Nos lábios que sorriso feiticeiro!
 Das horas lembro-me chorando!

Mas o que é triste e dói ao mundo inteiro
 É sentir todo o seio palpitando...
 Cheio de amores! e dormir solteiro!

EUTANÁSIA

Ergue-te daí, velho, — ergue essa fronte onde o passado afundou suas rugas como o vendaval no Oceano, onde a morte assombrou sua palidez como na

face do cadáver — onde o *simoun* do tempo ressicou os anéis louros do mancebo nas cãs alvacentas de ancião?

Por que tão lívido, ó monge taciturno, debruças a cabeça macilenta no peito que é

murcho, onde mal bate o coração sobre a cogula negra do asceta?

Escuta: A lua ergueu-se hoje mais prateada nos céus cor-de-rosa do verão — as montanhas se azulam no crepuscular da tarde — e o mar cintila seu manto azul palhetado de aljôfares. A hora da tarde é bela — quem aí na vida lhe não sagrou uma lágrima de saudade?

Tens os olhares turvos, luzem-te baços os olhos negros nas pálpebras roxas, e o beijo frio da doença te azulou nos lábios a tinta do moribundo. — E por que te abismas em fantasias profundas sentado à borda de um fosso aberto, sentado na pedra de um túmulo?

Por que pensá-la — a noite dos mortos, fria e trevosa como os ventos de inverno? Por que antes não banhas tua fronte nas virações da infância, nos sonhos de moço? Sob essa estamenha não arfa um coração que palpitara outrora por uns olhos gázeos de mulher?

Sonha — sonha antes no passado — no passado belo e doirado em seu dossel de escarlate, em seus mares azuis, em suas luas límpidas, e suas estrelas românticas.

O velho ergueu a cabeça. Era uma fronte larga e calva, umas faces contraídas e amarelentas, uns lábios secos, gretados, em que sobreaguava amargo sorriso, uns olhares onde a febre tresnoitava suas insônias...

E quem to disse — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra úmida, a podridão e o lodo? Quem to disse — que a morte não era mais bela que as flores sem cheiro da infância, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescência? Quem to disse — que a vida não é uma mentira — que a morte não é o leito das trêmulas venturas?

GLÓRIA MORIBUNDA

Une fille de joie attendait sur la borne.

Théophile Gautier

I

É uma visão medonha uma caveira?
 Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.
 Foi a cabeça ardente de um poeta,
 Outr'ora à sombra dos cabelos loiros.
 Quando o reflexo do viver fogoso
 Ali dentro animava o pensamento,
 Esta fronte era bela. Aqui nas faces

Formosa palidez cobria o rosto;
Nessas órbitas — ocas, denegridas! —
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoila a mirra incandescente.

Tu outr'ora talvez desses-lhe um beijo,
Por que repugnas levantá-lo agora?
Olha-o comigo! Que espaçosa fronte!
Quanta vida ali dentro fermentava,
Como a seiva nos ramos do arvoredor!
E a sede em fogo das idéias vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como noturna lâmpada apagou-se?
E a centelha da vida, o eletrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,
Os sonhos da ciência nada valem.
A vida é um escárnio sem sentido,
Comédia infame que ensangüenta o lodo.
Há talvez um segredo que ela esconde;
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os túmulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dor sobre um cadáver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao ofegante seio, o peito humano
Caiu tremendo interrogando o túmulo...
E a terra sepulcral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!
Vou cantar-te uma página da vida
De uma alma que penou, e já descansa.

II

— Por quem esperas trêmula a desoras,
Mulher da noite, na deserta rua?
A miséria venceu os teus orgulhos,
E vens na treva contratar teu leito?

Vem pois. És bela. Tens no rosto frio
 A imagem das Madonas descoradas.
 Vagabunda de amor, és bela e pálida.
 Será doce em teu seio de morena
 Um momento sentir os meus suspiros
 Estuantes nos lábios doloridos.
 Se inda podes amar, ergue-te ainda,
 Une teu peito ao meu, pálida sombra!

III

Era uma fronte olímpica e sombria,
 Nua ao vento da noite que agitava
 As loiras ondas do cabelo solto;
 Cabeça de poeta e libertino
 Que fogo incerto de embriaguez corava.
 Na fronte a palidez, no olhar aceso
 O lume errante de uma febre insana.

IV

— Mancebo, quem és tu?

— Que importa o nome?

Um poeta de santas harmonias
 Que a Musa obscena do bordel profana.
 Na aparição balsâmica dos anjos
 Porventura enlevei a mocidade.
 Das virgens no cheiroso travesseiro
 Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos!
 Em seios que a inocência adormecia
 Repousei minha fronte embevecida.
 Amei, mulher! amei!

Que sede intensa!

Secou-se-me a torrente do deserto
 Que as folhas de frescura borrifava.
 Tudo! tudo passou... Amei... Embora!
 Quero agora dormir nos teus joelhos.
 Nessa esponja da vida inda uma gota
 Talvez reste a meus lábios anelantes
 Que me dê um assomo de ventura
 E um leito onde morrer amando ainda.

E que vida, mulher! que dor profunda,
 Faminta como um verme aqui no peito!
 Murcha desfaleceu a flor da vida
 E cedo morrerá. . . E vós, meus anjos,

Ó Virgem Santa, que eu amei, na lira
 A quem votei meu canto delirioso;
 Amantes que eu sonhei, que eu amaria
 Com todo o fogo juvenil que ainda
 Me abrasa o coração, por que fugistes,
 Brancas sombras, do céu das esperanças?

Oh! ríamos da vida! tudo mente!
 Os meus versos gotejam de ironias!
 Esse mundo sem fé merece prantos?
 À orgia! na saturnal entre a loucura
 Derrama o vinho sono e esquecimento.
 Vinde, belezas que a volúpia inflama!
 Bebamos juntos... Cantarei de novo:
 A minha alma nas asas do improvisado,
 Como as aves do céu, voe cantando. . .
 Todos caíram ébrios?... só eu resto?
 Embora! em minha mão a lira pulsa,
 Meu peito bate, a inspiração agora
 Cânticos imortais ao lábio inspira.
 Voai ao céu — não morrereis, meus cantos!

V

A glória! a glória! meu amor foi ela,
 Foi meu Deus, o meu sangue... até meu gênio. . .
 E agora!... Além os sonhos desta vida!
 Quando eu morrer, meus versos incendeiem!
 Apague-se meu nome — e ao cadáver
 Nem lágrima nem cruz o mundo vote.
 Sou um ímpio (disseram-n'o)! pois deixem-me
 Descansar no sepulcro!

Por que choras,
 Descorada mulher? Sabes acaso
 Quem é o triste, o malfadado obscuro
 Que delira e desvaira aqui na treva
 E tuas mãos aperta convulsivo?
 Eu não te posso amar. Meu peito morto
 É como a rocha que o oceano bate
 E branqueia de espuma: ali não pode
 Medrar a flor cheirosa dos enlevos...
 Teu amor... Eu descri até dos sonhos...
 Demais dentro em tua alma eu vejo trevas,
 Uma estrela de Deus não a ilumina.
 Quem pudera nas ondas do passado,
 Ditoso pescador, erguer no lodo
 O ramo de coral de teus amores?

VI

Amei! amei! no sonho, nas vigílias
 Esse nome gemi que eu adorava!
 Votei amor a tudo quanto é belo!
 Escuta... A rua é queda. A noite escura
 É negra como um túmulo. Durmamos
 No leito dos amores do perdido.
 Vês? nem lua no céu... tudo é medonho!
 Nem estrela de luz!... — Silêncio! Embora!
 Escuta, anjo da noite! no meu peito
 Não ouves palpar o som da vida?
 Deixa encostar meus lábios incendidos
 No teu seio que bate. Vem, meu anjo!
 A alma da formosura é sempre virgem!
 Minha virgem — irmã — meu Deus! contigo
 Oh! deixa-me viver! Eu sinto bela
 A tua alma acordando refletir-te
 Nesses olhos tão negros d'Espanhola.
 Quero amar e viver — sonhar — em fogo
 Meus frouxos dias exaurir n'um beijo,
 Derramar a teus pés os meus amores,
 Minhas santas canções a ti erguê-las,
 A ti, e só a ti! —

VII

— Que tens? desmaias?
 Que tens, mancebo?

— Nada. É cedo ainda.
 Não é ela inda não. Chamei por ela...
 Foi em vão... delirei...

— Por quem?

— A morte.

— Morrer! pobre de ti, ó meu poeta!

— Se a morte é sofrimento, eu sofro tanto,
 Que a mudança do mal será consolo;
 Se a morte é sono, meu cansado corpo
 No descanso eternal deixai que durma.

— Eu também sofro. . . mas a morte assusta.
 Eu mísera mulher nas amarguras
 Descorei e perdi a formosura...
 No amor impuro profanei minha'alma...

E nesta vida não amei contudo!
 Não sou a virgem melindrosa e casta
 Que nos sonhos da infância os anjos beijam
 E entre as rosas da noite adormecera
 Tão pura como a noite e como as flores;
 Mas na minh'alma dorme amor ainda.
 Levanta-me, poeta, dos abismos
 Até ao puro sol do amor dos anjos!
 Ó minha vida, minha vida pura,
 Por que foram tão breves da inocência
 Das crenças virginais os belos dias?
 Chamei por Deus em vão. Sobre meu leito
 Em vez do anjo do céu senti gelada
 Sombra desconhecida vir sentar-se,
 Em beijos frios roxear meus lábios,
 Em abraços de morte unir-me ao seio.
 Douda! chamei por Deus! a meu reclamo
 Veio o torvo Satã... Oh! não maldigas
 A mísera que os seios inocentes
 Entregou sem pudor a mãos impuras:
 Eram taças de Deus... eu bem sabia!
 Mas todo o pesadelo do passado
 Foi uma horrenda sina... tudo aquilo
 Escrevera Satã... —

VIII

— Fatalidade!

É pois a voz unânime dos mundos,
 Das longas gerações que se agonizam,
 Que sobe aos pés do Eterno como incenso?
 Serás tu como os bonzos te fingiram?
 Sublime Criador, por que enjeitaste
 A pobre criação? Por que a fizeste
 Da argila mais impura e negro lodo,
 E a lançaste nas trevas errabunda
 Co'a palidez na fronte como anátema,
 Qual lança a borboleta a raça d'ouro
 No pântano e no sangue?

Tudo é sina:

O crime é um destino — o gênio, a glória
 São palavras mentidas — a virtude
 É a máscara vil que o vício cobre.
 O egoísmo! eis a voz da humanidade.
 Foste sublime, Criador dos mundos!

IX

Tudo morre, meu Deus! No mundo exausto
 Bastardas gerações vagam descritas.
 E a arte se vendeu, essa arte santa
 Que orava de joelhos e vertia
 O seu raio de luz e amor no povo,
 E o gênio soluçando e moribundo
 Olvidou-se da vida e do futuro
 E blasfema lutando na agonia.
 Agonia de morte! Só em torno
 No leito do morrer as almas gemem.
 E o fantasma da morte gela tudo.
 Por que um ardente amor não mais suspira
 Notas do coração pelo silêncio
 Da noite enamorada? A chama pura
 Por que das almas se apagou nas cinzas?
 E a lira do poeta, se murmura
 As ilusões de um mundo visionário,
 Por que estala tão cedo? Vagabundo
 Adormeci das árvores na sombra
 E nos campos em flor errei sonhando
 Coroando-me dos lírios da alvorada.
 Árvore prateada da esperança,
 Sombra das ilusões, ó vida bela
 E sempre bela, e no morrer ainda,
 Por que pousei a fronte sobre a relva
 À sombra vossa, delirante um dia?

Oh! que morro também! na noite d'alma
 Sinto-o no peito que um ardor consome,
 No meu gênio que apaga-se nas orgias,
 Que foge o mundo, e o sepulcro teme...
 Exilei-me dos homens blasfemando...
 Concentrei-me no fundo desespero,
 E exausto de esperança e zombarias
 Como um corpo no túmulo lancei-me,
 Suicida da fé, no vício impuro.

X

E o mundo? não me entende. Para as turbas
 Eu sou um doudo que se aponta ao dedo.
 A glória é essa. P'ra viver um dia
 Troquei o manto de cantor divino
 Pelas roupas do insano. — Os sons profundos
 Ninguém os aplaudia sobre a terra.
 Para um pouco de pão ganhar da turba,

Como teu corpo no bordel profanas,
 — Fiz mais ainda! — prostituí meu gênio!
 Oh! ditoso Filinto! ele sim pôde
 Na miséria guardar seu gênio puro;
 Nunca infame beijou a mão dos grandes:
 Morreu como Camões, morreu sem nódoa!
 Mas eu! A voz do vício arrebatou-me,
 Fascinou-me da infâmia o revérbero...
 Maldições sobre mim! Abre-te, ó campa!
 Ali obscuro dormirei na treva...

XI

Ó santa inspiração! fada noturna,
 Por que a fronte não beijas do poeta?
 Por que não lhe descansas nos cabelos
 A coroa dos sonhos, e rebentam-lhe
 Entre as lívidas mãos uma por uma
 As cordas do alaúde no vibrá-las?
 Ó santa inspiração! por que nas sombras
 Não escuta o poeta à meia-noite
 Os sons perdidos da harmonia santa
 Que o pobre coração de amor lhe enchiam?

Eu fui à noite da taverna à mesa
 Bater meu copo à taça do bandido,
 Na louca saturnal beber com ele,
 Ouvir-lhe os cantos da sangrenta vida
 E as lendas de punhal e morticínio.
 De vinho e febre pálido deitei-me
 Sobre o leito venal de uma perdida...
 Comprimi-a no meu exausto peito,
 Falei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,
 Do meu passado a flor, as glórias murchas
 E os longos beijos da primeira amante...

Amor! amor! meu sonho de mancebo!
 Minha sede! meu canto de saudade!
 Amor! Meu coração, lábios e vida
 A ti, sol do viver, erguem-se ainda,
 E a ti, sol do viver, erguem-se embalde!

Ouvi, ouvi no leito da miséria
 A pálida mulher junto a meu peito
 Contar-me seus amores que passaram,
 Falar-me de purezas, d'esperanças...
 E soluçava a triste, e ardentes, longas.
 As lágrimas em fio deslizando

Eu vi caindo sobre o seio dela...

Oh! suas emoções, úmidos beijos,
Dos seios o tremor, aqueles prantos,
E os ofegantes ais... eram mentira!...

XII

Ah! vem, alma sombria que pranteias.
Por quem choras? Por mim? Em vez de prantos
Deixa-me suspirar em teus joelhos.
Tu sim és pura. Os anjos da inocência
Poderiam amar sobre teu seio.
Aperta minha mão! Senta-te um pouco
Bem unida a minha alma em meus joelhos:
Assim parece que um abraço aperta
Nossas almas que sofrem. Revivamos!
O passado é um sonho — o mundo é largo,
Fugiremos à pátria. Iremos longe
Habitar n'um deserto. No meu peito
Eu tenho amores para encher de encantos
Uma alma de mulher... Por que sorriste?
Sou um louco. Maldita a folha negra
Em que Deus escreveu a minha sina...
Maldita minha mãe, que entre os joelhos
Não soubeste apertar, quando eu nascia,
O meu corpo infantil! Maldita!...

XIII

Escuta.
Sinto uma voz no peito que suspira...
É a alma do poeta que desperta
E canta como as aves acordando.
Oh! cantemos! até que a morte fria
Gele nos lábios meus o último canto!
Um cântico de amor, ó minha lira!
Anália! Armia! aparições formosas!
Eu amei sobre a terra as vossas sombras.
O ideal que vos anima e eu buscava,
Vive apenas no céu! vou entre os anjos,
Entre os braços da morte amar com eles! —

XIV

O poeta a tremer caiu no lodo.
A perdida tomou-lhe a fronte branca,
Pô-la ao colo — era lívida — inda o fogo

Lá dentro vacilava agonizando,
 Como flutua a claridão da lâmpada
 Apagando-se ao vento.

E quando a aurora
 Nos céus de nácar acordava o dia,
 E nas nuvens azuis o sol purpúreo
 Se embalava no eflúvio de ventura
 Das flores que se abriam, dos perfumes,
 Da brisa morna que tremia as folhas,
 Macilenta a mulher no chão da rua
 Sentada, a fronte curva, sobre os seios
 Embalava cantando aquele morto.

Na manta o encobriu. Medrosa a furto
 A infeliz o beijou — o pobre amante
 Que uma noite pernitoou com ela
 Para aos pés lhe morrer — e sem ao menos
 Nas faces dela estremecer um beijo.

Alguém que ali passou, vendo-a tão pálida
 Sentada sobre a laje, e tão ardente,
 Chegou ao pé — ergueu ao malfadado
 A manta.

Como súbito acordando
 Disse a moça a tremer:

— Deixa-o agora.
 Ele penou de febre toda a noite,
 Deitou-se descansando sobre o leito...
 Oh! deixa-m'o dormir.

— Mulher, no peito
 Sabes quem tu dormiu?

— "Que importa o
 nome?"
 Assim falava-me...

— Ai de ti, misérrima!
 Um poeta morreu. Fronte divina,
 Alma cheia de sol, fronte sublime
 Que de um anjo devera no regaço
 Amorosa viver. . . Morreu Bocage! —

SE EU MORRESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar os olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã!